

3 1761 07047941 5

PQ
9261
G5S6





14. 00119


CARLOS R. ALVAREZ
escrituras
Trat. simples e de foro

Rua do Olival, 262 - USUCA

SOMBRAS DE

EL MO

ADU



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

SOMBRA · DE ·
FUMO ·

POR ·

AUGUSTO · GIL ·

1915 ·

MOURA · MARQUES ·

LIVREIRO · EDITOR ·

COIMBRA ·



SOMBRA DE FUMO

DO AUTOR:

POESIA

VOLUMES PUBLICADOS:

Musa Cérula. Coimbra. Livraria Cabral.

Versos. Lisboa. Livraria Bertrand.

O Canto da Cigarra (*Sátiras ás mulheres*). Lisboa. Livraria Brasileira.

Luar de Janeiro. Lisboa. Livraria Aillaud.

VOLUMES PARA PUBLICAR:

Sensuália.

Alba Plena (*O elogio da Mulher simbolizada em Nossa Senhora*).

PROSA

VOLUME PUBLICADO:

Gente de Palmo e Meio (*Estudos sôbre as creanças*). Lisboa.

Livraria Guimarães.

VOLUMES PARA PUBLICAR:

Lenha Queimada. (*Estudos sôbre os velhos*).

A Caninha Verde (*Estudos sôbre a mocidade*).

SOMBRA · DE ·
FUMO ·

POR ·

AUGUSTO · GIL ·

1915 ·

MOURA · MARQUES ·

LIVREIRO · EDITOR ·

COIMBRA ·

Composto e impresso
na TIPOGRAFIA PROGRESSO
91, Rua Dr. Souza Viterbo, 91
PORTO



PO
9261
G556



OLHOS
OLHAI
A
DIREITO

À memória piedosa e doce

de

JOÃO DE DEUS

Tu duca, tu signore e tu maestro.

(DANTE. *Inferno*, II, 140).

Antelóquio

MAL vai ao artista que tenha de esclarecer a sua obra. Indirectamente confessa que pretendeu acender na noite da vida a braza rútila duma estrêla e que apenas conseguiu entregar á gravação literária um obscuro e subalterno planeta...

Mas definir, ou esboçar ao menos, o ambiente espiritual e íntimo em que uma criação lírica se foi efectivando (o qual constitui, portanto, o fundo e planos de perspectiva em que deve ser criticamente encarada) isso já não é de todo inutil. Isso equivale a sopesar uma téla ou uma escultura com as mãos ainda febrís da gestação, colocá-la

seguidamente no local mais propício e á luz mais favoravel, e dizer depois: vejam agora...

De resto, não é a palavra o instrumento mais finamente adequado para exteriorisar a espécie de sentimentos que Faguet qualificou de infinito puro. Pelo que ela tem de preciso, de confinante com as realidades tangiveis, os intensos idealismos ficam a dentro do âmbito verbal, comprimidos, mortificados. A onda vibratória da comoção pouco passa para além do momento em que a leitura finda. Falta-lhe a amplitude, a repercussão, o longo decrescendo embalador e evocativo... Superior a todas as outras modalidades artisticas

quando o sentimento exija linhas definidas, fôrmas cristalográficas e brilhantes, fica muito àquem da música e torna-se balbuciante, gaga, quando se abalance a querer sugerir (sugerir unicamente, porque são indefiníveis) estados de alma similares ao que nos deixou João de Deus neste maravilhoso trecho:

?

*« Não sei o que ha de vago,
De incoercível, puro,
No vôo em que divago
Á tua busca, amor!*

*No vôo em que procuro
O bálsamo, o aroma,
Que se uma fórma toma
É de impalpavel flor!*

*Ó como eu te aspiro
Na ventania agreste!
Ó como eu te admiro
Nas solidões do mar,
Quando o azul celeste
Repousa nessas águas
Como nas minhas mágoas
Repousa o teu olhar!*

*Que plácida harmonia
Então a pouco e pouco
Me eleva a fantasia
A novas regiões...*

*Dando-me ao uivo rouco
Do mar, nessas cavernas,
O timbre das mais ternas
E pias orações!*

*Parece-me este mundo
Todo um imenso templo!
O mar já não tem fundo
E não tem fundo o céu!
E em tudo o que contemplo,
O que diviso em tudo
És tu!... esse olhar mudo!...
O mundo... és tu... e eu!...»*

*Estou d'aqui a ver a precipitada alegria de
algum mal dizente profissional a acoimar-me de*

que, transcrevendo as divinas redondilhas — atraí-
çoei-me. . .

E não. . . Basta atentar em que o Poeta despiu as palavras do seu significado concreto e tirou ás realidades as suas determinantes características: a flor é impalpavel; o mar não tem fundo; do uivo rouco das águas ergue-se o timbre das mais ternas orações. . . Para mais, não lhe foi possível encontrar a frase ou termo de síntese com que denominasse aqueles versos. Não atinou com êle, nem o haveria. O ponto de interrogação que os encima é, conseguintemente, um admiravel achado.

*Pelo exposto, fica logo a compreender-se que eu preferiria, para a narrativa estética da fase em que se gerou êste feixe de pobres líricas, a música, se músico fôsse. Numa sequência de trechos para quarteto de corda, derivados todos do mesmo têma, traduzi-la hia desta maneira: Um Prelúdio em que a frase temática se esboçasse e por fim se definisse, colorindo-se então de meias tintas leves, tenuíssimas. Um Adágio, denominado talvez Aspi-
ração, onde êsse têma se desenvolveria num vôo sempre ascencional, mas lento e tímido, em espiral de largas volutas... Um Intermezzo, que pudéra chamar-se Alegrias da Posse e que*

devêra ser batido de claridades pulcras, feito de episódios que fôsem como varandins inundados de sol matinal, ridente. Suceder-se hia o que é fatal acontecer a toda a alma, quando demasiado alarga os horisontes que lhe são próprios, quando quebra o equilíbrio e o ritmo normal do seu funcionamento:— a crise. E como intitular esta passagem? António Arroio que é (licença ao pleonasmoo redundante) o mais illustre crítico musical da nossa terra, disse-me a propósito: «A alma torturada e amante de Beethoven chamar-lhe hia Scherzo, porque é a brincar com rosas que os espinhos dilaceram...» Para remate, uma fiada de

sons em Rondó, com trepidações de dor intensas ainda, mas cada vez menos magoantes, e declinando por suave ladeira até á Códá em que o resplandecente génio de Bonn já encontrára a — Serenidade — que é o sumo bem.

Ora como não sou músico, como nada sou, tive de valer-me da arte a que ando mais afeito: a dos versos. Não obstante, emprestei ao meu minúsculo poema processos musicais, ligando os assuntos que o constituem não apenas por uma relação de ordem emotiva, mas também por frases cujo resurgimento decerto hade parecer pobreza de vocabulário, visto que assimétrica-

mente se repetem. Se porém as pusesse equidistantes, cairia no reprovavel artificio do ritornelo poético. . . Dêssa monotonia intentei afastar-me tanto, que de caso pensado, intercalei algumas páginas as quais, numa leitura leviana, afiguram-se centrifugar-se do núcleo estético predominante no livro. É contudo de comezinha psicologia, da de folhetim, que quando a obsessão passional invade e oprime uma alma, a vida geral e externa ou se lhe torna por completo indifferente, ou é um contínuo e forçado pretexto para o regresso á vida restrita em que se enredou e se debate. Já lá dizia o outro:

Como é que o azul do céu me lembra os teus olhos negros?

Para acabar, que é tempo:

Porque me resumi eu, improdutivo ha tanto, a esta diluída, discreta, segredada mancheia de versos, tão sem requisitos de popularidade e tão intencionalmente escritos para fugir a ela?

Respondo á pergunta, perguntando: Acaso vale a pena em Portugal, num período em que a algazarra dos políticos não deixa ouvir ninguém, tentar uma obra estética de límpidas e largas sonoridades?

Estou como aquêle violinista belga a que

no outro dia se referiram os jornais. Lembra-se? Tinha-se incorporado no exército e fôra mandado para linha de reserva dum dos recontros de Ypres, a umas centenas de metros sòmente do mais acêso da fusilaria e do canhoneio. Entrou o rapaz numa granja abandonada e, achando lá uma rabeca, pôs-se a tirar dela improvisadas, pianísimas, quase indistinguíveis melodias.

Um soldado que o seguira e se quedára a ouvi-lo, a escutá-lo, observou:

— Você parece ter geito, camarada. Porque não toca mais alto?

E o artista, indicando-lhe com o olhar, através da janela sem portas, uma granada que riscava o espaço, encolheu os ombros e retorquiou de manso:

— Para quê? . . .

Pois não é o mesmo? O mesmo não, porque desgraçadamente, — é pior!

*Fez-se a palavra e toda a arte, toda!
Que pincel, que cinzel, que pena diz
O que se passa com verdade em roda
Duma vida feliz ou infeliz?!*

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA.

FUMO...

O fumo é a grafia com que escreve
A mão devaneadora da quimera
No seu estilo curvilíneo, leve,
E vário como um céu de primavera.

Eu dela (quem melhor a compreendêra!)
Entendo só algum dizer mais breve...
Gente ha que a compreende e a considera
Clara como o luar em chão de neve

São os alheados, os que vão sonhando
Ininterruptamente, mesmo quando
Os chicoteia o máximo tormento,

Os que, já sem remédio, ainda esperam,
Os felizes da desgraça,—os que souberam
Pôr toda a sua fé num sentimento!...

SOMBRA DE FUMO...

Fumo, no entanto, alguma coisa é;
Porêm sombra de fumo não é nada
Para o olhar que não abranja até
Onde a matéria já não faz jornada. . .

Génios subtis (ou d'ilusória fé)
Ha, para quem a sombra assim gerada
É o irreal a palpitar ao pé
Da anciedade duma chama anciada

Êsses, quando uma acha se incendeia,
Vêem no fumo leve que se alteia
E na sombra que dêle se produz,

As falas duma língua mal sabida,
A conversa do nada com a vida,
O diálogo do cáòs com a luz. . .

A BÁRBARA PALAVRA

I

Como a palavra é bárbara e ronceira,
Mísera e mesquinha!
É nela, como a moenda na peneira,
O pensamento, por mais alto e belo:
Cáí a farinha,
Fica o farelo...

— Como se a garra adunca dum felino
Roçasse por um véu—
Se o pensamento fôr aéreo e fino,
Fica um farrapo o que a palavra deu. . .

Se nos quer dar as chamas da paixão
Que são como ígneas, crepitantes asas,
Muda em carvão
O que eram brasas. . .

Quer imitar o lêdo amor dos ninhos
Que em manhãs d'oiro canta nos balseiros?
Dá-nos a voz dos rouxinóis cèguinhos
E prisioneiros. . .

II

Assim, ó pura entre as mulheres,
Lírio em flor,
Como queres
Que eu diga bem êste infinito amor?

Como? Se em vão procuro a branda clave
Que transformasse a minha confissão
Numa penugem d'ave
Caíndo-te na mão...

Se eu encontrasse a máxima pureza,
Qualquer coisa que fôsse
Piedosa e doce
Como uma réza...
Se eu descobrisse a máxima leveza
O termo trémulo e fugace
Que não magôa e que não pésa...

Se o meu amor de sempre eu to mostrasse
Quente de lume, alvo de neve,
Espiritual como é, ou o presumo...

Se a bárbara palavra se tornasse
Em sombra leve
De leve fumo...

ESPÍRITO GENTIL

Espírito gentil, espelho d'água pura
Onde o sorrir de Deus, clarão longínquo e brando,
Se reflectiu e se quedou, alumando...

Lírio de misteriosa e milagrosa alvura
Que mal a gente o aspira, logo nos invade
O perfume, o aroma, a essência da saudade...

Espírito gentil, via-lactea esmaecida
Onde já se entre-vê a gestação latente
De vidas com mais luz e amor mais excelente...

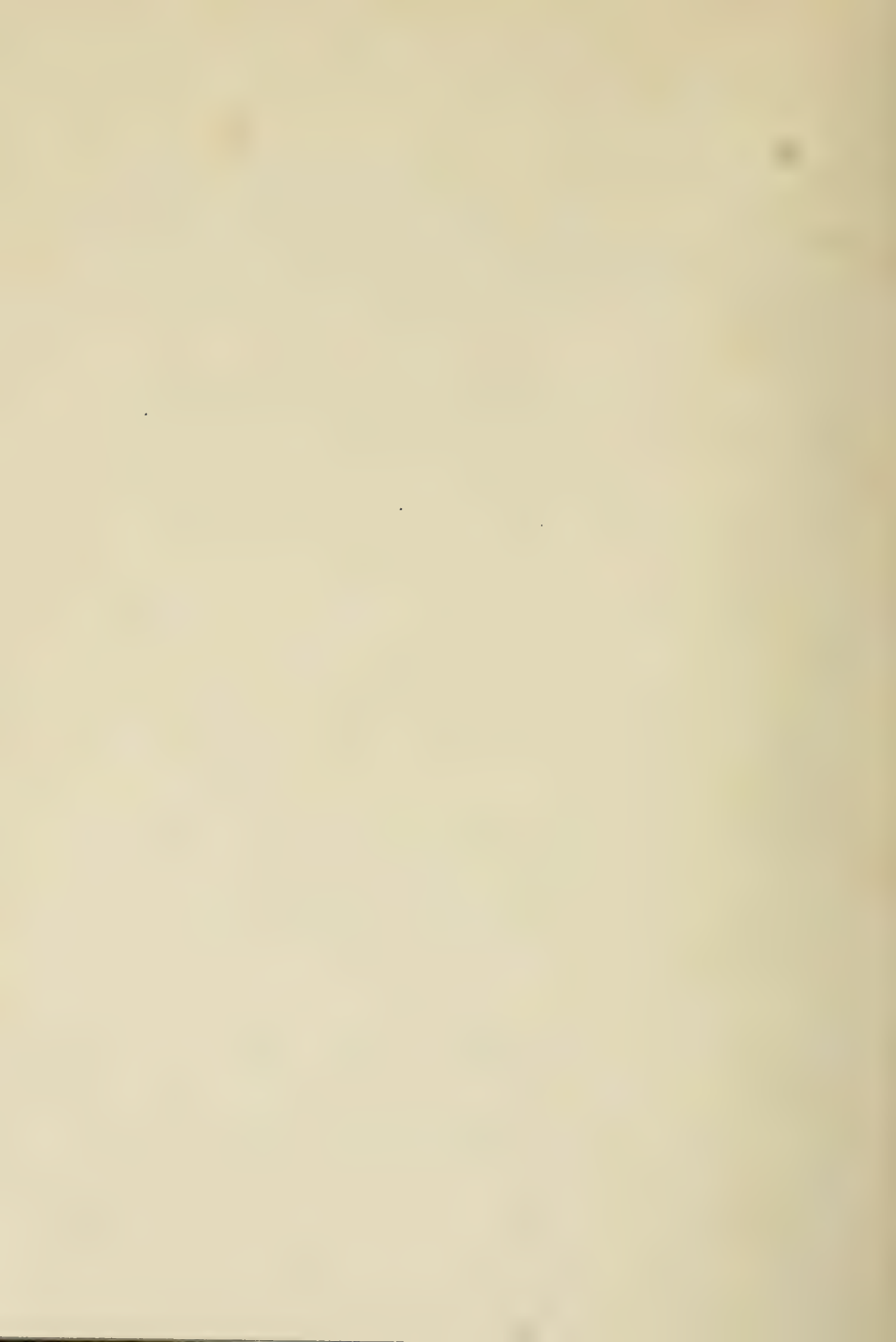
Espírito gentil, rolinha compungida,
Fiat antecipado, doce conjugação
Da anciedade inquieta — e da resignação...

Ó vesperal e ungado e cristalino ser,
Exiladinha cega entre o bru-u-á do povo,
Sêde que não encontra a fonte onde beber...

Espírito gentil, ó tristemente linda,
Retina excepcional feita para um sol novo
Que no âmago da treva é vaga névoa ainda...

Irmã do luar, degrau do céu, plasma do bem,
Porque vieste assim antes da hora clara
Em que outras como tu hão de chegar também?

Porque tão cêdo vieste? Ainda é tudo escuro,
E o teu lugar, o teu altar, a tua ara
É longe, muito longe,—ao fundo do Futuro...



LINDA MADRINHA DA MELANCOLIA



As intensas fórmulas emotivas são obtidas, muitas vezes, pela repetição monótona duma mesma ideia, expressa com leves variantes verbais, tal qual como a percussão num sílex faz resaltar a faísca. As mães, quando acarinhavam os pequeninos, dizem-lhes uma série de frases d'equivalente significado até encontrarem uma em que o amor maternal se revela na sua máxima nitidez. Nos idílios dos amantes o mesmo acontece.

Nestes casos, a ideia como que toma balanço antes de dar o salto.

Minha triste rolinha compungida
— Saudade transmutada em burguezinha —
Faz-me tanta tristeza a tua vida,
Que triste — mais que o foi! — está a minha. . .

Minha triste rolinha compungida
— Crepúsculo na alcova dum doente —
Quem fôsse no deserto d'essa vida
Chuva fecundadora, água corrente. . .

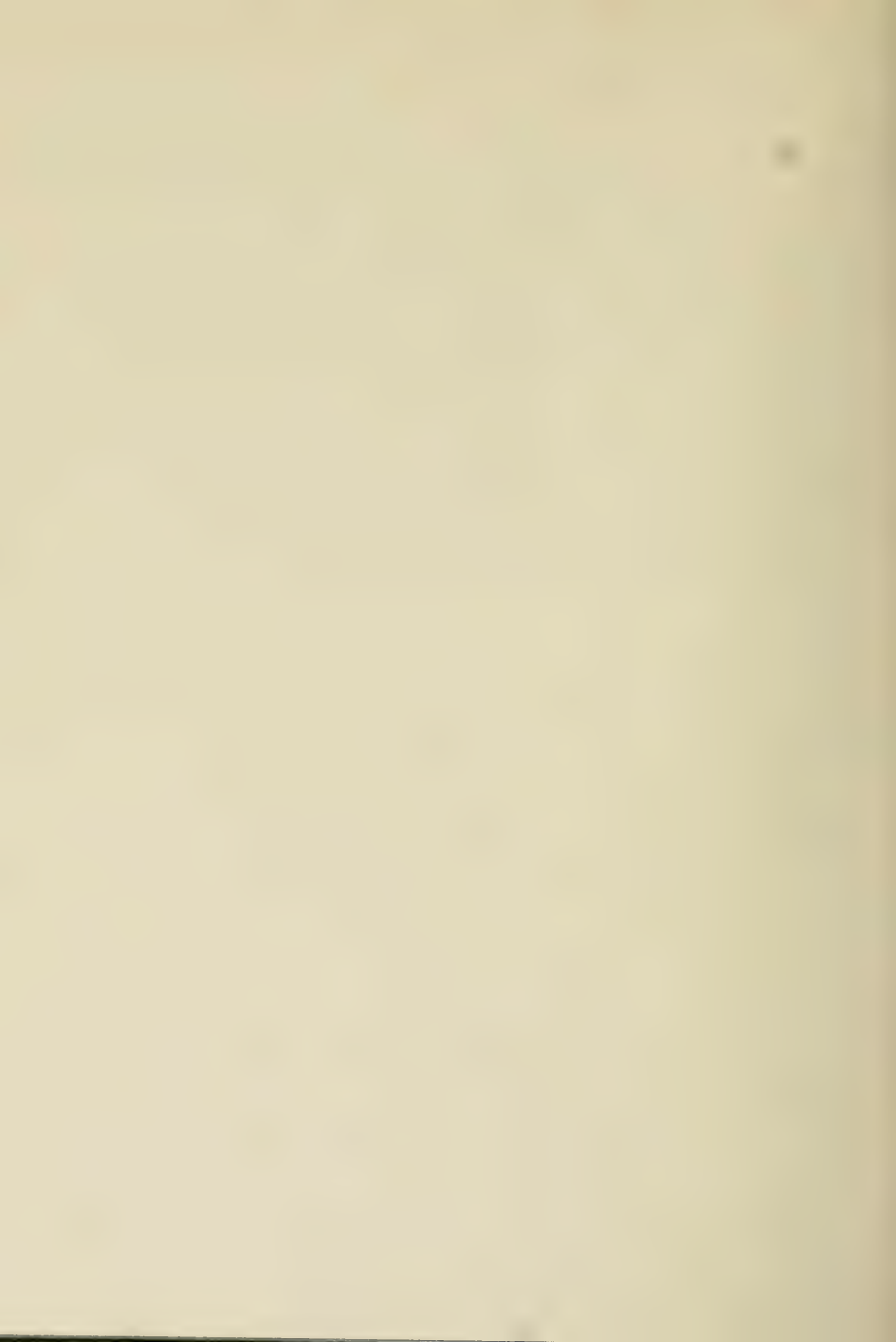
Minha triste rolinha compungida
— Ó lágrima de amor feita mulher—
Pudera eu ser, na tua dor sentida,
Bálsamo que a fizesse adormecer...

Minha triste rolinha compungida
— Linda madrinha da melancolia—
Fôsse eu, na tua noite erma e comprida,
Estrêla da manhã, e claro dia...

Minha triste rolinha compungida
O mal de que padeces, fôsse-o eu...
Sería a larva numa flor pendida,
Sería o mal, bem sei, — mas era teu...

Minha triste rolinha compungida
— Doce virgem das dores com sete espadas—
Fôsse-as eu todas! Tinha lá cabida
Dentro do coração, por sete entradas!...

ALBO NOTANDA LAPILLO



AO ANTÓNIO FONSÊCA

Quando te disse que te amava muito
Tremia, como eu todo, a minha voz...

...E a minha vida, o meu viver fortuito,
Estava prêso a um fio de retrós...

...E ao dizer-to baixinho, fiz ouvir,
Nêsse murmúrio, o meu mais alto grito...

...E senti a vertigem de cair
Do sol a pino, para o infinito!...

PER AMICA SILENTIA

—Qual amor pões tu primeiro:
O da tua Mãe? O meu?...

—O teu é o monte cimeiro
Por cima—o azul do céu...

A MORTE D'ASA

«Notas cavas de mistério anunciam a despedida da vida. A alma chora! A doçura da visão passa por nós também. Os compassos primeiramente em pianissimo vão-se distinguindo mais e mais... Os sons, num diminuendo, vão-se extinguindo, apagando, na indecisão cinzenta do infinito...»

(*Peer Gint*, estudo crítico.)

AARÃO DE LACERDA.

I

Em notas duma pálida tristeza,
Em lágrimas de som baixinho e doce
Que são como o ruflar de rôla prêsa
Que emfim se desprendesse e emfim se fôsse...

Em notas de cadência luminosa,
(Uma luz branda e d'aureolada imagem)
Que são como o esfolhar-se duma rosa
Onde um anjo roçasse de passagem...

Em nótas de murmúrios cristalinos,
Astros pequeninos,
Astros dum momento
Erguidos e dispersos pelo vento
Do lume derradeiro duma brasa. . .

Descrevem os violinos
A branda morte d'Asa.

II

Desce outra vez a escada de Jacobe,
Como no tempo antigo...

E com a alma d'Asa, a minha, sóbe...
Sobe a muito alto e até muito alto eu sigo
A viagem para Deus
Daquela pobre mãe...

Uma teoria d'outras almas vem
Trepando na escalada para os céus...

Já se entrevê agora
— Mas distanciada ainda —
Uma clareante aurora
Acolhedora e linda...

Interrogo-me cheio de ansiedade:
É esta luz de virginal rubor
(Acaso) a inextinguível claridade
Da eterna paz e do perpétuo amor?...

E na minh'alma triste, insatisfeita,
Floriu o jasmim branco dum sorriso...
E disse: talvez seja a porta estreita
Do além, do bem, do céu, do paraíso...

III

E subí mais... E imaginando voar
Na esteira d'Asa pelo espaço em fóra,
A fantasia erguêra-me ao lugar
Onde a que eu amo (e a quem rézo) móra...

Como é muito alto o monte em que ela vive
E como o seu amor lá me fulgia,
Facil foi ter esta ilusão que tive
De que era o céu, a abrir-se-me, o que eu via...

IV

E afinal não era uma ilusão,
Um sonho de atraente irrealdade...
Essa visão
Era a verdade:

Cá mesmo, nêste chão d'áspero piso
—Com um amor como o teu—
Tem a gente o paraíso...

Ó mais amada e pura das mulheres,
Para mim, a luz do céu
— É a sombra que tu deres...

V

...E a elegia alada das rabecas?

Mudou agora mesmo de cadência.

É o exalar de pétalas já sêcas:

Não ha fórma, nem côr; ha só essência...

UM DIA FLOREAL

Um dia floreal.

Deixem passar o termo... Quanto a mim,
Qualquer outra palavra fica mal
Para classificar um dia assim.

É toda a terra, agora,
Um festival e cômico noivado,
E Venus, Pan, Jesus, Nossa Senhora
São os padrinhos, vão de braço dado...

E ao longe, as urbes, cheias
De gente que remoínha e se atropela!
—E os pintores a pintarem caras feias!
—E os poetas a rimar—sem virem vê-la!...

Em frente, e de redor
Bailam, á aragem, vegetais Orfeus
E ha risos, beijos de perfume e côr,
Desmaios virginais de gineceus...

Poisou um passarinho
Ao pé duma assucêna em eclosão.
Cantou. E no seu canto eu adivinho
A scena bíblica da Anunciação:

«Avè ebúrnea flor
Cheia de graça, o polen é contigo!»
Estua perto um jovial clamor:
São as cigarras a gritar no trigo...

Gemente, uma semente
Suplica-lhes baixinho em frases mansas:
Tenham pena de mim, que estou doente,
Não façam ruído, olhem que estou d'esperanças...

Mas que segredos tem!
Com que virtude esquiva de mulher
A santa natureza, nossa mãe,
Se deixa aos nossos olhos entrever!...

Porque não há de o olhar,
A um ramo branco de lilaz florido,
Vêr-lhe o perfume desprender-se, ondear
Como um véu semi-sôlto dum vestido?...

Porque não pode a gente,
Quando um aroma a outro aroma fala,
Saber o que êle diz, o que êle sente
E ouvir o tom de voz com que êle fala?...

Um diálogo d'essências

Penso que seja um segredar baixinho

Entre sorrisos, véncias, reverências,

—E a dor, a dor também d'algun espinho...

Outros perfumes, não;

Bradam e gesticulam de maneira

Que dá a luminosa animação

Dum bando d'andaluzes numa feira...

E o da violeta? Há de,

Por ser a flor da gente portuguesa,

Ter algum modo de dizer saudade...

Lá como não sei eu, mas com certeza.

...Se nunca entenderei

A vida fácil duma breve flor,

Para que vim ao campo e te deixei

Ó rosa branca, do meu branco amor?...

A ti sòmente é que eu entendo bem,
A ti, e nada mais — a mais ninguém!...

COTOVIA

Fôsse esta noite o infinito instante
Em que ficassem para sempre unidos
O futuro distante
E os tempos idos!

(Debruça-te um pouco e olha
Os meus olhos, meu amor...)
Fôsse ela a rosa que se não desfolha,
Botão perpétuo, entre-aberta flor!...

Fôsse ela a aza leve e palpitante
— Que não descesse mais, nem mais subisse —
Dum rouxinol de voz maravilhante
Que nunca, nunca, nunca se extinguisse!...

(Dá-me outro beijo como êsse.
E sorri. Sorri assim...)
Ai se o tempo se esquecesse
De ti, meu bem, e de mim!...

(Não rias alto, Maria.
— Retiraste o braço! Dói-te?... —
Não rias que a cotovia
Não canta nunca de noite)

Fôsse o silêncio musical que sinto
Eterno abraço, caricioso cinto,
Aprisionando o amor entre ambos nós!...

(Não rias Maria,
Que a luz dessa voz
Atrái a do céu...)

Eu bem to dizia!

Bem to dizia eu,
Inquieta cotovia,
Cabecinha vã...

A tua voz fez acordar o dia.
Olha: já é manhã!

SOL D'AGOSTO

Mesmo que um véu espesso de neblina
Toldasse o ar e o céu e tarde fôsse,
Se a tua bôca fina
E purpurina
E doce
Para mim sorria,
Já não havia para mim sol posto:

Era... como se fôsse meio dia
—Um meio dia de abrasado agosto.

E trocávamos beijos sem ruído,
Desfalecidamente,
Num amor incendiado,
Altíssimo, puríssimo, silente...

E os nossos lábios, para se beijarem
Naquêlê enlêvo mudo e mudo encanto,
Eram dois rouxinois que para voarem
E se encontrarem,
Interrompessem o mavioso canto...

Pois não diziam tudo,
Com êsse beijo mudo,
Os meus lábios e os teus?

E nós nem saberíamos falar!

Quando o calor d'agosto abrasa os céus
E inflama o ar
E morde a terra e a reduz a pó,
—Os rouxinóis não cantam. Voam só...

A FALA DUM CRAVO VERMELHO

Da braçada de cravos que trouxeste
Quando vieste,
Minha linda,
Ha um — o mais vermelho e mais ardente —
Que espera ainda anciosamente
A tua vinda...

Só êle resta agora, entre os irmãos

Já desfolhados. . .

Só êle espera que piedosas mãos

— As tuas lindas mãos e os teus cuidados —

Lhe deem, numa pouca d'água clara

E enganadora,

Uma ilusão da vida que animára

O seu vigor d'outrora. . .

Mas que outro está, da hora em que o cortaste

Ainda em botão!

Murcham-lhe as pétalas e tem curva a haste,

Num grande ponto de interrogação. . .

Voltado para a porta em que surgiste,

Na noite perturbante em que o trazias,

Parece perguntar porque partiste

. . . E porque não voltaste, ha tantos dias!?! . . .

A CHUVA CAÍA...

AO AMÂNDIO BAPTISTA DE SOUSA

I

A frouxa luz da tarde esmorecia.
Era d'ardósia e oiro todo o poente.

E a chuva caía,
Monotonamente...

O crepúsculo entrou; encheu a sala...
Ao fundo, as altas chamas do fogão
Vibravam numa palpitante escala,
Numa anciosa e trémula ascensão
De tons de coralina e tons d'opala.

II

Falámos sôbre o amor em frases vagas,
Sem alusão directa ao nosso amor,
Como quem quer poupar a duas chagas,
Tocando nelas, uma inutil dor...

Tomei-te as frias mãos por uns instantes.
Cingi-te, leve, ao coração, depois.
Mas como nós estávamos distantes!
Havia o infinito entre nós dois!

Tornára-se o silêncio mais silente
E o que o nosso falar não exprimia
Era o próprio silêncio inconfidente
Que no-lo segredava e repetia
Monotonamente...

Monotonamente,
A chuva caía...

III

Trouxeram luz. Cavou-se mais, então,
Entre o teu ser e o meu, a solidão. . .

Tanta e tão grande foi, que parecêra
Que todo o escuro que na sala houvera

Se condensára num cerrado véu
E enrolando-se a nós, nos envolveu

Num grande luto soluçado e fundo
De encher mil vidas, comover o mundo...

IV

Disse-te adeus. Beije-te sorridente.
Adeus! disseste; e o teu dizer sorria.

Monotonamente,
A chuva caía...

Mas logo num acesso repentino,
Em nossos olhos irrompeu um pranto
Despedaçante, intérmimo, assassino...

Pranto que quando as fontes lacrimais
Se ficam sêcas de chorarem tanto,
E' a alma que chora mais e mais

E mais e ainda, e sempre, de tal sorte
Que fica a soluçar—até á morte...

V

O amor, fio d'aranha quebradiço,
Um sôpro o quebra e ninguém mais o reata.
Mas ai de nós! Rompeu-se e nem porisso
A dor que êle nos deixa se desata...

Num abraço de corpos naufragados
Que os nossos prantos num só pranto unia,
Quedámos sucumbidos e prostrados
Até que já no céu luziu o dia

...Um dia pálido e deliquiscente.

E a chuva caía,
Mais triste, mais fria,
Monotonamente...

O EXILADO

(DE SULLY PROUDHOMME).

E a mim próprio pergunto: Donde vieste
Que nada o coração te prende e atrái
E achas sempre desolante, agreste,
Quanto penetra nêle ou dêle sái?...

Qual é o paraíso que perdeste?
Que nostalgia é essa que em ti cái
E não te arranca nunca, ácerca dêste
Abjecto mundo, um passo, um riso, um ái?...

Interrogo-me em vão. E não obstante,
Tem por certo uma origem remontante
Isto que ás vezes fala no meu seio,

Que escrevo ás vezes, sem o ter pensado...
Vive dentro de mim um exilado
—E não me diz quem é, nem donde veio!!

DEPOIS DE CHORAR

O silêncio, em redor, era um veludo
EspêssO e fofo e acariciador;
E transformou-se num nirvana tudo
Quanto horas antes era raiva e dor!

Mudança igual á dum arbusto rudo
—Florido, mas hirsuto e agressor,—
A que tombasse todo o espinho agudo
Ficando só o que era aroma e flor...

...Pétalas alvas côm de neve ao luar,
Vago perfume em lume pouco aceso...
E a tua imagem pálida lembrou-me:

E no silêncio, então, pôs-se a vibrar,
Como ásas leves dum insecto preso,
A ideia persistente do teu nome...

QUE LÁ VAI LEVADO...

*Remoínho de vento,
Aéreo bailado,
Que poisa um momento
E lá vai levado...*

*Assim succedeu
Ao meu sentimento:
Se muito sofreu,
Sofreu um momento...*

*Sofreu um instante
Que está já passado,
Que está já distante,
Que lá vai levado...*

Não te ofendi, meu bem. E que ofendesse!
Nem êle ha coisa mais irmã, mais gêmea,
Que o murmurar duma prece
E o rugir duma blasfêmia...

Ha muita vez um só degrau
—E descançado, suave,—
Entre o que é bom e é mau,

Entre o que é nobre e é vil:
O ser mais próximo da ave
—É o reptil...

E ó sagrada andorinha do beiral
Do sonho em que a minh'alma se abrigou
E que na fúria hostil do vendaval
A primavera trouxe e a antecipou...

Como ofender-te ó bem da minha mágoa,
Profundo mar d'amor em maré cheia?...

Quem turva a fonte de onde bebe a água?
Quem morde as asas com que no ar se alteia?

Não te ofendi, meu bem. E que ofendesse!
—Nem sempre é um contraste o que o parece...

EVER-LÍVING...

*... E quis odiar o amor
E em toda a parte o achei
Como único senhor,
Como suprema lei. . .*

*Nimbando a vida, ou aureolando a arte,
Palpita, estua, fulge, está
Agora, antes, sempre, em toda a parte. . .*

Ora ouve lá:

Negreja no ar chuvoso a mole imensa
Da cadeia. No hiato dum portal,
Onde a treva se enrosca e se condensa,
Lampeja, como um riso d'hospital
De doidos, o aço límpido dum sabre...
Os gonzos rangem pêrros quando a porta
Pesada e lentamente se entre-abre;
E é como a luz duma pupila morta
A claridade projectada então,
Por sob as poídas lajes da calçada,
Lá do íntimo das guelas do portão...
Na janela maior, quadriculada
De ferro duro, escuro, inabalavel,
Uma voz clara e doce e perturbante
Transmite a sua dor inconsolavel
Á chuva, ao vento, á treva circundante:

Tristezas d'estar aqui
Só duas o céu me deu:
Do filhinho que perdi,
Do homem que me perdeu...

E mais adivinhei do que lhe ouvi
Cantar de novo o que tão alto ergueu:

Do filhinho que perdi,
Do homem que me perdeu. . .

SCHERZO

No pátio das «muñecas», de Sevilha.

Um jasmineiro em flor impregna o ar.
E a pluma d'água dum repuxo brilha
Que não parece d'água — mas de luar...

Noite de seda.

Luar alto e alvo (alvo como o sorriso
Da tua bôca leda. . .)

A água do repuxo é um granizo
De pérolas, caíndo
Na bacia de pedra onde se entanca.

E o luar, o irmão do teu sorriso lindo,
Clareia mais. Noite de seda branca...

LUX VAGULA BLANDULA

Quem vê bem, consegue ver
—Visão que é quase adivinha—
Perto do sol, a tremer
Uma luz, uma estrelinha...

E a quem um momento alcança
Vagamente dar por ela,
Logo a vista se lhe cança
E logo deixa de vê-la...

*
*

Se esforça mais a retina,
Ora a descobre, ora não,
Á frouxa luz pequenina,
Á sua palpação...

Mais depois, continuando,
Chega a gente a duvidar
Se vê o seu lume brando,
Se o está a imaginar...

Ó alto sol do meu céu
Ó meu amor, vida minha,
O que êste livro te deu...
—É a luz déssa estrelinha!

O ÚLTIMO ACÓRDE



«Paira sempre entre o céu e as
cúpulas de Londres um colossal véu
de fumo...»

RÉCLUS.

«Não procuremos a felicidade,
porque a felicidade é fumo...»

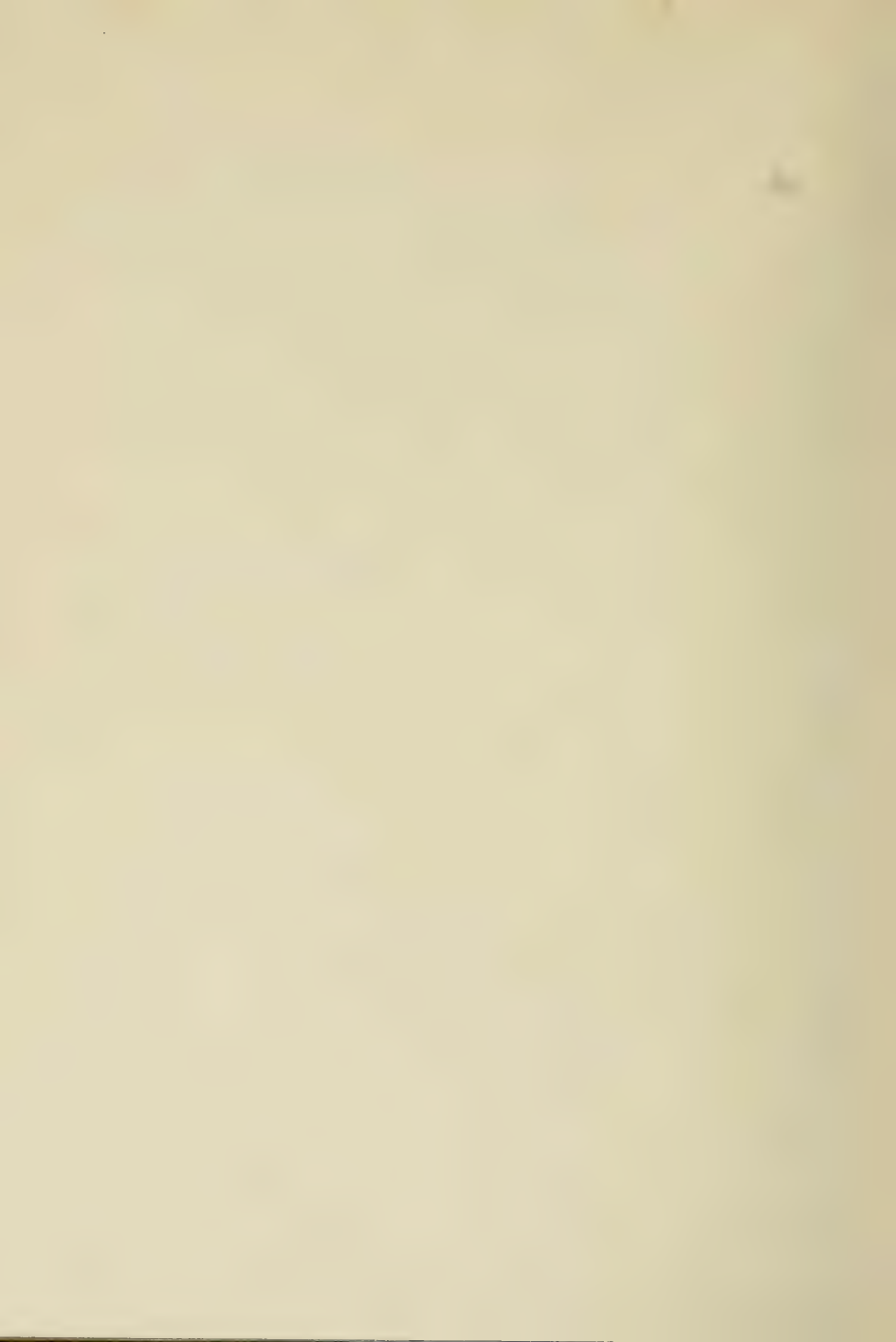
PROVÉRBIO MALAIO.

Que é fumo a felicidade...

— Quanta houver tu ma darás! —

Fumo de grande cidade

Que paira — e não se desfaz...



NOTA

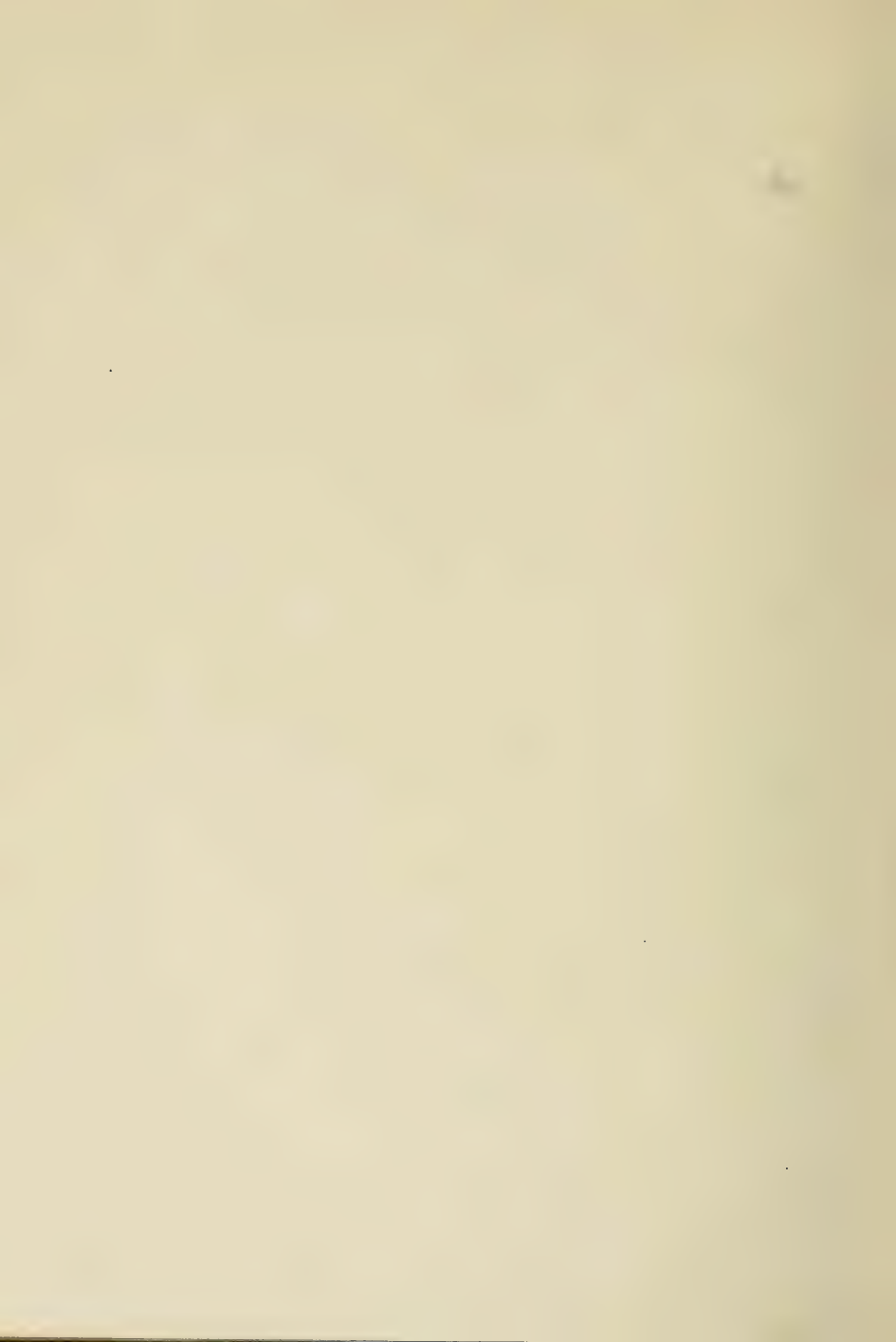
Como um homem a tudo anda sujeito, até a poderem dizer-me que ainda éro versos nesta idade em que me encontro (não a específico, pois basta saber-se que ha muito sou maior e juridicamente capaz) aqui declaro ter-me dispensado de intercalar o sinal de síncope em palavras que toda a gente abrevia na pronúncia: dores, pintores, feliz, etc.

A quem me advirta de que, procedendo assim, deveria escrever também a conjugação quer com o e final aconselhado pela moderna lexicografia, explicarei envergonhadamente que não pôsso.

Não pôsso! E' uma repugnância tão invencível como pelo suor dum preto, pelas bas bleus literárias, ou pela purga de óleo. Perdão...



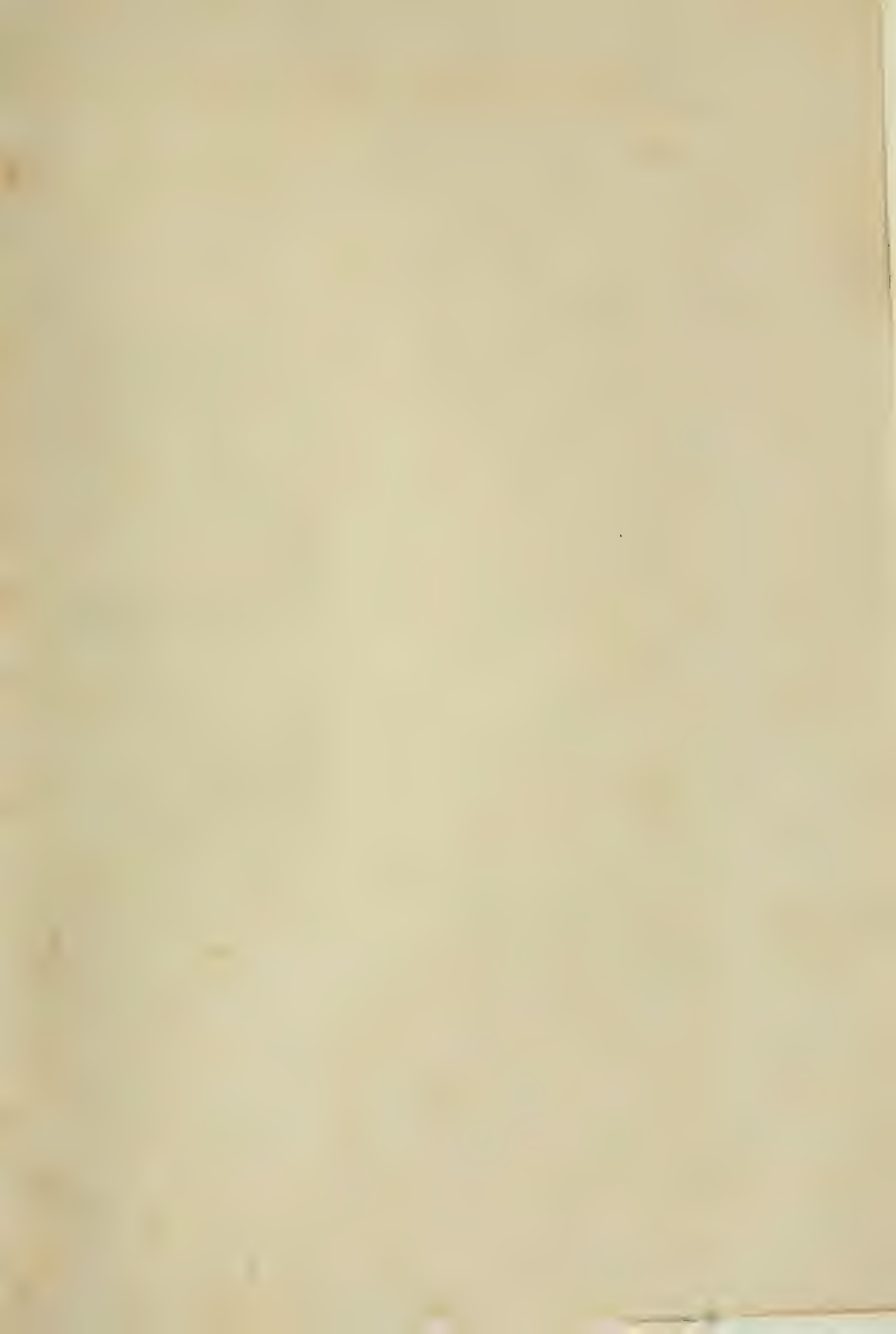
ÍNDICE



	PAG.
DEDICATÓRIA	VII
ANTELÓQUIO.	IX
Fumo	1
Sombra de fumo...	5
A bárbara palavra	9
Espírito gentil.	15
Linda madrinha da melancolia	21
Albo notanda lapillo	25
Per amica silentia	29
A morte d'Asa	33
Um dia floreal	43
Cotovia.	51
Sol d'agosto.	57
A fala dum cravo vermelho.	63
A chuva caía...	67

	PAG.
O exilado	79
Depois de chorar	83
Que lá vai levado...	87
Ever-Living...	91
Scherzo.	97
Lux vagula blandula	101
O último acôrde	105
NOTA	109





Livraria MOURA MARQUES

19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA

Augusto Gil		Mário Monteiro	
Sombra de fumo. 1 vol. broch.	\$50	Angelus	\$10
Ladislau Patricio		Aleacer Kibir	\$10
Livro simples. 1 vol. broch.	\$40	Coimbra	\$60
Aquela Família... 1 vol.	\$50	Francisco Augusto das Neves Castro	
Casa Maldita. Tragedia rustica.	\$20	Manual do Processo ordinario em primeira instancia. 1 vol.-8.º	2\$00
Teixeira de Sousa		Menezes Cordeiro	
Para a historia da Revolução que depoz a Monarquia. 2 grossos volumes.	1\$60	Elementos de sociologia fundamental e filosofia do Direito. 1 vol.-8.º	2\$00
A força publica na Revolução. 1 grosso volume	1\$00	Ferreira Augusto	
Dr. Lobo de Avila Lima		Anotações à legislação penal. 2.ª edição. 2 vol.-8.º	2\$40
Política Social. 1 vol.	\$60	Eduardo de Almeida	
Política Internacional. 1 vol.	\$50	Na lama. 1 vol.	\$50
Dr. Alfredo Pimenta		Carlos dos Santos Babo	
Política Portuguesa. 1 vol.	1\$20	Os mestres do Direito ou os assizes da Universidade (carta feita de verdades amargas).	\$20
Manuel de Sousa Pinto		Dr. Garcia de Vasconcelos	
A Única Verdade (drama em 2 actos). 1 vol. broch.	\$30	Liturgia. 2 volumes.	2\$50
O Monumento a Eça de Queiroz. broch.	\$10	Dr. José Dias Ferreira	
O Gomil dos Noivados. 1 vol.	\$50	Codigo Civil (anotado). 4 volumes broch.	10\$00
Bernardino Machado		Codigo do Processo Civil (anotado). 3 volumes broch.	5\$50
Da Monarquia para a Republica	\$60	Novissima Reforma Judiciária. 1 vol. broch.	2\$40
A. X. Lopes Vieira		J. Alves dos Santos	
Livro das mães. 1 vol. broch.	\$50	Filosofia scientifica para as classes 6.ª e 7.ª dos Liceus	\$80
Manuel da Silva Gaio		D. José Manuel de Noronha	
Poesias escolhidas. 1 vol.	\$50	Nun'Alvares Herói e Santo.	\$50
Alfredo Pratt		J. S. e Guilherme Valente	
O divino poeta, ensaio critico sobre Almeida Garrett. 1 vol.	\$30	Problemas de Estatística e Economia Política	\$30
Dr. Bernardo Aires			
Princípios de Biologia—Protozoários. 1 vol. ilustr.	3\$00		
João Aires de Azevedo			
Estudos feministas—A mulher. 1 vol.	\$60		

DEPOSITÁRIA das CASAS EDITORAS

Aillaud, Alves & C.^ª e A. M. Teixeira



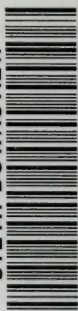
PQ
9261
G5S6

Gil, Augusto
Sombra de fumo

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 13 11 08 006 3